

# TRANSFIGURAÇÃO ESPACIAL E AFETIVIDADE EM CAZUZA, DE VIRIATO CORRÊA

## *SPATIAL TRANSFIGURATION AND AFFECTIVITY IN CAZUZA, BY VIRIATO CORRÊA*

Tania Lima dos Santos<sup>1</sup>  
Maurício Silva<sup>2</sup>

### RESUMO

Este artigo propõe uma abordagem da espacialidade no romance *Cazuza*, do escritor maranhense Viriato Corrêa, sob o viés da topoanálise. Para tal, tomam-se como referenciais teóricos, sobretudo, os estudos desenvolvidos por Gaston Bachelard; sua reformulação por Borges Filho que considera a topoanálise como processo que transcende a abordagem psicológica e da vida íntima do personagem, envolvendo todas as relações deste; e contribuição da geografia humanista, a exemplo de Yi-Fu Tuan. Baseado nessa perspectiva espacial, visou-se realizar o levantamento de uma topografia sentimental em *Cazuza*, de modo que foram analisados e interpretados três macroespaços e diversos microespaços presentes no romance.

**Palavras-chave:** Espaço, Romance, Topografia sentimental.

### ABSTRACT

This article proposes an approach to spatiality in the novel *Cazuza*, by the Maranhão's writer Viriato Corrêa, under the bias of topoanalysis. To this end, theoretical references are taken, above all, the studies developed by Gaston Bachelard; its reformulation by Borges Filho, who considers topoanalysis as a process that transcends the psychological approach and the intimate life of the character, involving all his relationships; and the contribution of humanist geography, like Yi-Fu Tuan. Based on this spatial perspective, the aim was to survey a sentimental topography in *Cazuza*, so that three macrospace and several microspaces present in the novel were analyzed and interpreted.

**Keywords:** Space, Novel, Sentimental topography.

### Introdução

Os estudos sobre *Cazuza* (1938), romance do maranhense Viriato Corrêa, têm sido voltados, sobretudo, para perspectiva educacional, visto que tematiza a vivência

---

<sup>1</sup> Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Professora Adjunta da Universidade Estadual do Maranhão, Campus de Itapecuru Mirim. E-mail para contato: [taniamaranhao1@gmail.com](mailto:taniamaranhao1@gmail.com)

<sup>2</sup> Graduando no Curso de Letras – Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Maranhão. E-mail para contato: [mauriciosilva2342@gamil.com](mailto:mauriciosilva2342@gamil.com)

escolar de Cazuzza, que, adulto, faz o registro de suas memórias quando garoto. Nesse relato, o processo de aprendizagem na escola e também na vida ganham relevo.

Para a estudiosa Penteado (2001):

O livro acompanha, portanto, os anos de escolarização de Cazuzza, cujo término coincide com o término da própria infância - que durava o tempo do ciclo escolar, entendido como o tempo necessário para a formação do indivíduo. Durante esse período, as experiências vividas pelo menino, protagonista e narrador da história, em casa, na rua e, finalmente, na escola - revelados como espaço de aprender - proporcionam-lhe o conhecimento necessário que orientará a formação de sua conduta ética (PENTEADO, 2001, p. 92).

Partindo-se da compreensão acima, *Cazuzza* pode ainda ser considerado como um *romance de formação*<sup>3</sup>, visto que à medida que seu protagonista cresce, aumenta também seu repertório de experiências, resultado de sua interação com a família, com os amigos da vizinhança e com os professores. Assim, seu processo de formação na obra é concluído ao se tornar “um homenzinho”<sup>4</sup>, quando se encontrará finalmente pronto, como cidadão (PENTEADO, 2001). Interessa notar aqui também que o progresso escolar de Cazuzza corresponde ainda a seu gradual afastamento do espaço inicial, a zona rural. Deste modo, passa do povoado para a vila e desta para a cidade, a capital do Estado, espaço no qual ele entra em contato com meio urbano.

O estudo do espaço tem alcançado uma maior relevância na abordagem da literatura nos últimos anos. Comparando com outros aspectos de estudo do texto literário, Dimas (1985, p. 5) considera que, “entre as várias armadilhas virtuais de um texto, o espaço pode alcançar estatuto tão importante quanto outros componentes da narrativa, tais como foco narrativo, personagem, tempo, estrutura etc”. Assim sendo, uma análise satisfatória desses pode revelar pontos importantes para entender os personagens e o enredo.

Em sua abordagem do espaço, Gaston Bachelard utiliza o termo “topoanálise” para designar “o estudo psicológico sistemático dos lugares físicos de nossa vida íntima” (BACHELARD, 2008, p.202). Por meio de seu método busca atingir o que está

---

<sup>3</sup> Denominado também de *Bildungsroman*, gênero que se caracteriza, principalmente, por narrar o processo de desenvolvimento de um personagem, em quaisquer esferas, física, psicológica, emocional etc. No caso de *Cazuzza*, é evidente a realização desse processo, pelas fases por que passa, iniciadas, por marcos como: mudança etária, mudança de residência, transformações cognitivas e sentimentais, ocasionadas pelos diversos desafios emocionais com os quais se depara o personagem.

<sup>4</sup> Referência feita por Viriato Corrêa ao personagem Cazuzza, ao finalizar seu curso primário.

no oculto sob a vestimenta espacial. Segundo Dimas (1994, p. 44), o procedimento analítico de Bachelard “consiste num processo de desfolhamento gradual e paciente das camadas das coisas, até atingir seu significado mais íntimo”.

Fazendo um acréscimo à definição formulada por Bachelard, Borges Filho concebe que

a topoanálise, tal qual a entendemos aqui, é a investigação do espaço em toda a sua riqueza, em toda a sua dinamicidade na obra literária. O topoanalista busca desvendar os mais diversos efeitos de sentido criados no espaço pelo narrador: psicológicos ou objetivos, sociais ou íntimos, etc (BORGES FILHO, 2007, p.33).

Como se observa, esse estudo ultrapassa a abordagem psicológica, adentrando-se também nas interpretações sociológicas, filosóficas, estruturais, entre outras, e atinge todas as relações do personagem, sem restringir-se somente à vida íntima. Ao topoanalista cabe, portanto, um papel de desvendamento dos variados efeitos de sentido provocados pelo espaço e criados pelas figuras ficcionais do personagem ou do narrador.

Ainda com base nos estudos de Borges Filho (2008), podem ser atribuídas algumas funções do espaço dentro da obra literária, destacando-se: a caracterização dos personagens, da sua situação no contexto socioeconômico e psicológico vividos; a influência que exerce sobre os personagens e também a representação que faz dos sentimentos vividos pelos personagens. Nessa perspectiva os espaços podem manter uma relação de homologia ou heterologia com os seres ficcionais, quando, respectivamente, harmonizam-se, ou não, com os sentimentos experimentados por estes seres ficcionais.

### **A trajetória espacial de Cazuza**

A narrativa de *Cazuza* é seccionada essencialmente em três regiões distintas, desenvolvendo-se primeiramente no então povoado de Pirapemas, em seguida na vila de Coroatá e por fim na cidade de São Luís. Essas regiões, tomando por base a definição de Borges Filho (2008), podem ser caracterizadas como *macroespaços*, ou seja, espaços amplos, como uma cidade, um país, o campo, entre outros. Tais macroespaços são formados por *microespaços*, espaços menores, que se classificam em duas formas essenciais: o *cenário*, espaço criado pelo homem (como a casa, a rua, a escola, os meios

de transportes etc.), e *natureza*, espaço não criado pelo homem (como o rio, a montanha, a árvore etc.).

Convém lembrar que a narrativa evolui cronologicamente, conforme os desdobramentos do processo escolar desenvolvido por Cazuzza na fase primária, os quais se constituem em elementos importantes na configuração deste romance de formação. Dessa forma, sua história escolar percorre sequencialmente as três regiões já mencionadas: Pirapemas-Coroatá-São Luís. Nota-se nesse processo, que é temporal, sua associação na obra a um percurso espacial, visto que na experiência vivida em cada um dos *macroespaços*, aos quais se vinculam espaços menores ou *microespaços*, constata-se não apenas transformações espaciais físicas, mas transformações de outros matizes no personagem, ao mesmo tempo em que podem ser interpretadas suas reações afetivas frente aos diferentes espaços.

Por outro lado, esses grandes espaços de trânsito de Cazuzza apresentam características, sobretudo, realistas, uma vez que podem ser facilmente identificados geográfica e extratextualmente, sendo espaços que, segundo a abordagem de Borges Filho (2008) se assemelham “à realidade cotidiana da vida real. Nesse caso, o narrador se vale frequentemente das citações de lugares existentes. Ele cita prédios, ruas, praças, etc. que são co-referenciais ao leitor real”. Assim, a referência a tais componentes espaciais pode ser verificada abundantemente em *Cazuzza*. Soma-se à constituição de uma perspectiva espacial realista na obra, o fato de que o percurso executado por Cazuzza aproxima-se sensivelmente do percurso espacial empreendido pelo próprio autor<sup>5</sup>, cuja voz implícita, permeia toda a narrativa.

Seguindo essa orientação, a descrição do povoado como sendo formado por “vinte ou trinta casas” (CORRÊA, 2011, p.17) evidencia no romance um traço comum das povoações rurais, cujas áreas geralmente contam com pouco número de habitantes. Através dos pontos de referência utilizados dentro da narrativa para localizar a povoação, é possível ainda estabelecer a correlação com a localização real da antiga povoação de Pirapemas, situada à margem do “Itapicuru”<sup>6</sup>, no Estado do Maranhão.

---

<sup>5</sup> Viriato é natural de Pirapemas, que mais tarde tornou-se distrito de Itapicuru Mirim e atualmente é município maranhense.

<sup>6</sup> O rio Itapicuru é uma das mais antigas áreas de ocupação do Estado do Maranhão, frequentemente mencionado na primeira parte do romance. Seu nome carrega uma grande riqueza linguístico-cultural, fator que pode ser percebido no modo como seu nome é gravado em trechos de Cazuzza, “Itapicuru”. De origem tupi, “até a metade do século XIX, a palavra era grafada Itapucurú para o rio e Itapucurú-mirim

Outro interessante exemplo na obra, e muito observado em zonas rurais, está na maneira como os animais eram criados na região, isto é, de forma livre, “a rua e os caminhos tinham mais bichos do que gente. Criava-se tudo à solta: as galinhas, os porcos, as cabras, os carneiros e os bois” (CORRÊA, 2011, p.17). Como marca de civilização nessa zona predominantemente rural, o narrador-protagonista aponta unicamente a escola do povoado.

Se, de acordo com a ótica do narrador, “Nem igreja, nem farmácia, nem vigário” (CORRÊA, 2011, p.17) existiam em Pirapemas como marco civilizatório, ocorrendo uma predominância de espaços naturais, no que diz respeito ao macroespaço da vila de Coroatá, observa-se um incremento do aspecto cultural manifestado nos espaços:

Para quem já tivesse visto o mundo, a vila do Coroatá devia ser feia, atrasada e pobre. Mas, para mim, que tinha vindo da pequenice do povoado, foi um verdadeiro deslumbramento.

As quatro ou cinco ruas, com a maioria de casas de telha; os três ou quatro sobradinhos; as casas comerciais sempre cheias de mercadorias e de gente; as missas aos domingos; a banda de música de dez figuras; as procissões, de raro em raro, eram novidades que me deixaram maravilhado” (CORRÊA, 2011, p.88).

Nesse sentido, nota-se na vila um relativo equilíbrio entre os espaços identificados como cenários, que apresentam uma maior preponderância nessa segunda parte do romance; também os espaços identificados como naturais estão presentes na narrativa, porém não de maneira tão proeminente como na primeira parte. Dentre os espaços da vila de Coroatá, alguns apresentarão maior relevância para Cazusa: a sua casa, a escola, o pedestal do cruzeiro do largo da igreja, o circo, a mata (único espaço natural a ganhar destaque nesta seção) e o gaiola.

Na terceira parte do romance, o personagem atingirá o término de sua jornada formativa, com chegada à capital e com a vivência de novas aventuras infantis ao lado de familiares que moravam na capital, colegas de escola e professores. A cidade de São Luís refletirá um ideal de desenvolvimento em relação aos grandes espaços anteriores, provocando um deslumbramento incomparável no personagem central. Como em Pirapemas, os macroespaços, tanto de Coroatá como de São Luís, apresentarão

---

para a Vila. De 1860 em diante passou a ser Itapicuru e gradativamente, como se lê atualmente”, isto é, Itapicuru (SANTANA, 2016).

dominantemente aspectos realistas, estabelecendo-se estrita verossimilhança em termos de situação geográfica e modo de vida da época<sup>7</sup>.

A chegada à capital eleva Cazuzu novamente a um estado de encantamento, sobretudo por suas dimensões, dado que se mostram amplos e variados do que os anteriores:

Não me cansava de andar por aquelas ruas, boquiaberto, parando diante dos velhos sobradões de azulejos, das lojas, das farmácias, das igrejas, dos jardins e das carruagens.

O repique dos sinos nas torres, o apito das fábricas, o desfile dos batalhões, os sobrados das bandas de música, deixavam-me maravilhado no meio da rua (CORRÊA, 2011, p.160).

A cidade grande, portanto, descortina a Cazuzu novos espaços que ele não observara na vila e muito menos no povoado. Esta gama espaços pode ser analisada, na sua maioria, como do tipo *cenário* (sobradões, lojas, fábricas, etc.). Mas, conforme avançam as descobertas de Cazuzu, sobressai ainda outro referente espacial importante na capital, a baía de São Marcos, um dos poucos espaços do tipo *natureza* apresentados na terceira parte do livro: “A baía de São Marcos, infinitamente mais larga do que o rio em que eu nascera e toda soprada de vento, com barcos e navios maiores que o vaporzinho que me trouxera, tinha, para mim, uma grandeza estonteante” (CORRÊA, 2011, p.160). Observa-se que na perspectiva do personagem os adjetivos utilizados para referir-se ao mar e, particularmente, à baía, estão associados também a sua grande dimensão (“infinitamente larga”, “grandeza estonteante”), o que se torna bastante significativo, tendo em vista as possibilidades que o mar virá a lhe oferecer: a baía será ponto de partida para uma nova etapa de vida, como é apontado pelo narrador no final da narrativa.

Todos esses espaços possibilitam a Cazuzu cercar-se de experiências novas que se converterão em sensações e sentimentos que lhe fornecerão um contributo importante, não somente na sua formação escolar, mas no seu amadurecimento pessoal, sobretudo emocional. Com sua chegada a São Luís, constata-se o êxito de seu processo de amadurecimento e formação, uma vez que, de início, enfrenta e supera o desafio de, pela primeira vez na vida, conduzir-se sem a constante e confortadora companhia dos pais.

---

<sup>7</sup> Criada em 1843, a Vila de Coroatá foi resultado do desmembramento de área do município de Caxias e Itapeuru Mirim (SITE DA PREFEITURA DE COROATÁ).

## **Espaços realistas e espaços imaginativos**

Se nas esferas física e sócio-histórica, os macroespaços expressam, de maneira geral, uma verossimilhança extratextual significativa, razão pela qual o romance *Cazuza* carrega elementos substanciais que também auxiliam a compreensão do tempo e do lugar vividos na época no Maranhão, será, contudo, no exame dos microespaços da narrativa que se poderá descobrir, no ponto de vista apresentado pelo narrador-personagem, a realização de uma transfiguração do real, graças à subjetividade com que os interpretará em seu cotidiano, atribuindo-lhes uma “realidade imaginativa”. Nesse sentido, Borges Filho (2008) fornece-nos, em oposição a espaços *realistas* na obra literária, a tipificação de espaços *imaginativos*, os quais se manifestam “quando os lugares citados na obra literária não existirem no mundo real”. São, portanto, lugares inventados, imaginados pelo narrador, contudo apresentam semelhanças com os que vemos em nosso mundo.

A situação que prepondera em *Cazuza* nesses casos revela uma transfiguração dos espaços realistas operada segundo a interpretação e por meio das sensações e dos sentimentos relatados acerca do protagonista, daí denominarmos, aqui, este tipo de espaço como de “realidade imaginativa”, visto que, apesar de ter existência real, apresentam caracteres suprarrealistas ou idealizadores que atuam fortemente na leitura dos espaços feita sob uma perspectiva infantil.

Como exemplo de espaços que conotam essa dubiedade, adquirem destaque o sítio da Tia Mariquinhas no povoado de Pirapemas e a Mata na zona mais rural de Coroatá, situada a caminho da fazenda do tio de Cazuza. Dentro da povoação, inequivocamente, verifica-se que um dos espaços prediletos de Cazuza é o sítio, um lugar tranquilo, repleto de árvores frutíferas e um com “riacho, que vinha de longe, torcendo-se pelas profundezas da mata” e que “ali se alargava preguiçosamente, como que para repousar as águas cansadas de rolar entre as pedras” (CORRÊA, 2011, p.23). O rio é aqui descrito pelo narrador personagem com certa personificação (“alarga-se preguiçosamente”, “nas águas cansadas”), transcendendo, assim, o espaço realista que marca a obra, e conferindo ao sítio da tia Mariquinhas traços de um espaço imaginativo. Porém, mesmo sendo um lugar idealizado por Cazuza, apresenta aspectos gerais que podem ser encontrados em lugares reais. Este espaço, que ganha relevo na construção

do enredo, desperta em Cazuzza (assim como nas demais crianças que o frequentavam) um imenso prazer: “ficava horas inteiras, saboreando, sem saber, a poesia simples daquele pedaço amável de natureza” (CORRÊA, 2011, p.23).

A valorização que o espaço natural recebe na obra, bem como o encantamento que produz, configurando-se para o narrador-personagem como um lugar edênico, terão um caráter duradouro nas suas lembranças, como verificamos abaixo:

O sitio de tia Mariquinhas foi o maior encanto da meninice das minhas calcinhas curtas. Sempre que eu apanhava a minha gente distraída, escapulia correndo para aquele recanto de sombra e frutos, em que a vida parecia ser mais bela do que em outra parte qualquer (CORRÊA, 2011, p. 24).

Outro espaço que merece relevância é a fazenda do tio Aquino, que na visão de Cazuzza adquire o sentido de refúgio, proporcionando-lhe ainda a liberdade típica dos espaços rurais: “Pulsava dentro de mim o anseio pelo ar livre das fazendas, a necessidade de correr no campo, de nadar nos riachos, de misturar-me com as boiadas, de andar descalço nos pastos, de varinha na mão, pastoreando as vacas leiteiras como fazem os meninos matutos” (CORRÊA, 2011, p.128).

As idas à fazenda eram esparsas, porém marcadas pelo entusiasmo de Cazuzza. Para chegar à fazenda, ele e seus familiares enfrentavam um longo percurso, era uma caminhada que adentrava a mata, um espaço natural que lhe proporcionava muitos prazeres e também temores. No episódio relatado na obra, sua beleza, em certo momento, tem a capacidade de silenciar Cazuzza, sempre atento aos detalhes e ao exotismo do lugar:

Eu, que vinha tagarelado pelo caminho, de repente fiquei silencioso. É que o cenário da floresta me dominou imediatamente. Senti qualquer coisa de grandioso e de imponente naquelas árvores e na sombra imensa daquelas copas. A meus olhos e a meus ouvidos não escapava nada: a meia luz do sol, coada pela folhagem; os cabos de flores pendendo dos cipós e dos galhos; o canto das aves; um ou outro fio d'água que passava espumando; um ou outro animal arisco que voava ou corria por entre os troncos, tudo e tudo eu queria ver e sentir (CORRÊA, 2008, p.129)

Como se observa, o espaço da floresta adquire acima, na percepção de Cazuzza, características fantásticas. Dominado por múltiplas sensações, ele chega a afirmar que, em alguns momentos, parecia estar “sonhando”. Esse comportamento é muito

semelhante ao experimentado anteriormente, com relação ao sítio de tia Mariquinhas. A transfiguração espacial operada na imaginação infantil é responsável por trazer à cena, mais uma vez, uma suprarrealidade provocada por reações sensoriais que despertam sentimentos vários no personagem, e por fim uma transfiguração do espaço. Sobressaem, nesse caso, em relação ao tipo de reação sensorial ativada no personagem ante as características do espaço, sensações de cunho principalmente visual e auditivo (“árvores e sombra imensa”, “A meus olhos e meus ouvidos não escapavam nada é identificada no fragmento supracitado como de natureza”).

### **Espaços e afetividade**

Além dessa realidade imaginativa que se apresenta na constituição dos espaços na obra, é possível ainda associar alguns espaços, sobretudo os microespaços, como lugares manifestos de afetividade de Cazusa. Isso porque o espaço, como constatamos acima, é capaz de “encantar” o personagem, provocando-lhe alegria e prazer, assim como tristeza e medo.

Em relação aos laços de afetividade associados intrinsecamente com o espaço, é importante salientar a ideia de *topofilia*, definida por Yi-Fu Tuan como “o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou o ambiente físico” (TUAN, 1980, p. 5). Sob essa condição, em que a relação sentimental com o espaço é positiva, podem ser apontados com destaque nesse romance o sítio da Tia Mariquinhas, conforme apontado anteriormente, e ainda a escola em Coroatá.

Entre os diversos microespaços que compõem a vila de Coroatá, a escola é o que mais encantará Cazusa, que destaca toda a sua felicidade ao adentrá-lo pela primeira vez: “senti no peito o coração bater jubilosamente” (CORRÊA, 2011, p.88). Vale ressaltar que não apenas o espaço em si, mas o conjunto envolvendo espaço e pessoas que lá trabalham ou convivem, assume importância na configuração topofílica para o personagem. Dessa forma, a percepção que Cazusa tem dos espaços vividos sofre influência de variáveis diversas, determinadas seja pelo meio físico, seja pelo social, estando suas experiências afetadas por tais variáveis.

A relação afetiva com o espaço escolar de Coroatá contrasta com a situação vivenciada em seu primeiro dia de aula na escola de Pirapemas, quando, ao entrar sofre uma imediata decepção, pasmando-se com a tristeza no rosto dos alunos e com a “cara

amarrada, intratável e feroz do professor” (CORRÊA, 2011, p.32). A relação com a escola do povoado pode ser identificada, recorrendo-se mais uma vez a Tuan (1980), como de *topofilia*, isto porque estabelece, entre o personagem e o espaço vivido, um elo construído sob um misto de aversão ou medo:

Dona Janoca, a diretora, recebeu-me com o carinho com que se recebe um filho. Os meninos, que me viram chegar, olharam-me risonhamente, como se já houvessem brincado comigo, Eu, que vinha do duro rigor da escola do povoado, de alunos tristes e de professor carrancudo, tive um imenso consolo de alma (CORRÊA, 2011, p. 89).

Acima observa-se que o contato de Cazuzza com a nova escola e com as pessoas dali desperta suas lembranças sobre a escola anterior, que ressurgem carregadas de um sentimento de topofóbico, em oposição as afetividades para com a nova escola. A situação sentimental experimentada na escola do povoado é permeada por certa negatividade que constituirá uma marca recorrente desse espaço, sempre que o mesmo for trazido à memória. Diferentemente, pelo carinho com que será recebido, Cazuzza devotará à escola de Coroatá um ar de familiaridade topofílica, comparando a diretora, dona Janoca, a uma mãe, e elevando seus novos colegas à condição de amigos.

Finalmente, é preciso ressaltar ainda que, nesta abordagem dos espaços em *Cazuzza*, as impressões e sensações demonstradas pelo personagem, como efeito do espaço vivenciado, de maneira geral coincidem com as impressões e sensações que um mesmo espaço provoca também em outros personagens, configurando-se, enquanto modalidade espacial, como *homólogos*, seguindo-se uma classificação de Borges Filho (2008). Para tal caracterização esse teórico considera as relações de “analogia entre o espaço que o personagem ocupa e o seu sentimento”.

Todavia, ainda que mais raros, é possível encontrar em alguns momentos da narrativa a manifestação de uma categoria de espaços antagônica àquela, cuja vivência pelo personagem destoará da expectativa de comportamento normalmente esperada e manifestada por outros personagens, configurando a presença dos espaços *heterólogos* na obra.

Assim, a presença dessa heterologia em *Cazuzza* se expressa no contraste entre os sentimentos do personagem e o que os espaços, de fato, representam, não havendo relação objetiva entre sentimento do personagem e características do espaço. No

romance, esse contraste se estabelece por meio do imaginativo do personagem central, que idealiza alguns espaços de forma contrária ao que denotam suas características. Dessa forma, a percepção de Cazuzza será responsável pela desconstrução idealizada desses espaços. Nesse contexto, a visão se constituirá no principal sentido utilizado pelo personagem para entender o mundo que o cerca, assumindo papel relevante no despertar de seus sentimentos diante dos diferentes espaços.

A lagoa existente no povoado de Pirapemas constitui um exemplo de espaço heterólogo na obra, visto que, apesar de sua beleza, é dotada também de características perigosas, pois “além de jacarés, diziam haver lá dentro sucurijs enormes, que engoliam um boi inteiro” (CORRÊA, 2011, p.61), daí ser proibida às crianças a visitação à lagoa sem o acompanhamento de adultos. Entretanto, Cazuzza e seus amigos não a percebiam assim:

Tinham uma atração irresistível aquela imensidade de água parada, a violenta vegetação aquática das suas margens e, principalmente, a estonteante multidão de garças, marrecos, maçaricos, seriemas e jaçanãs, que lhe nadavam nas águas e lhe posavam nas ilhotas (CORRÊA, 2011, p.61).

Outros espaços de heterologia, em relação à perspectiva de Cazuzza e seus amigos, estão vinculados particularmente aos episódios dos velórios, que, carregados de tristeza e pesar na perspectiva dos adultos, apresentavam-se às crianças, contrariamente, como espaços de diversão, onde, reunidas, costumavam tirar o dia para brincadeiras. Entre as crianças que estavam sempre à frente das brincadeiras se encontrava o menino “Pinguinho”, descrito como o mais velho de todos, “mas, tão franzino e tão frágil, que parecia o mais novo. Magro, pescoço comprido, ombros estreitos, ossinhos de fora” (CORRÊA, 2011, p.35).

O costume das brincadeiras nos espaços de velórios é rompido quando ocorre o falecimento de Pinguinho, “numa manhã, linda manhã em que as andorinhas brincavam no céu como garotinhos travessos, ele morreu” (CORRÊA, 2011, p. 37). Nesse dia, embora lindo e favorável à diversão, nenhuma das crianças brincou, todas estavam tristes e silenciosas. Dessa forma, o espaço associado aos velórios, que a princípio se apresentava heterólogo a Cazuzza e seus amigos, por ser espaço de tristeza para os adultos e, em contraposição, de alegria para as crianças, estando associado à diversão,

passará a se caracterizar, por ocasião da morte de Pinguinho, como espaço homólogo, tornando-se tão triste e desagradável às crianças quanto o era para os adultos.

Como se observa, as relações de heterologia ou de homologia nesta obra podem ser apenas provisórias no que diz respeito a um mesmo espaço, em razão de fatores e circunstâncias que podem afetar o comportamento do personagem e, por fim, alterá-las.

### **Considerações finais**

A narrativa de *Cazuza*, conforme evidenciou-se, apresenta três importantes macroespaços que, por sua vez, correspondem aos lugares de trânsito do protagonista em seu percurso de formação e de aprendizagem. Como apontou-se, este percurso contempla aspecto um desdobramento de cunho espacial e ainda temporal na experiência do personagem. Os grandes espaços na obra encontram ancoragem na realidade espacial extratextual maranhense, daí sua identificação como realistas. Tais macroespaços desdobram-se em diversos microespaços ao longo da narrativa, caracterizando-se como *cenário* ou *natureza*. A importância assumida por estes dois tipos de espaço varia conforme o grau de urbanização dos macroespaços. Assim, predominaram espaços naturais no povoado e cenários na capital, e um maior equilíbrio entre estes dois tipos de espaços na vila de Coroatá. Observou-se ainda que, na perspectiva do narrador e protagonista infantil, os espaços sofrem transmutações durante a história, configurando-se em espaços de “realidade idealizada”. Em relação às várias funções assumidas pelo espaço na obra, aponta-se como fundamentais aquelas que têm o papel geral de situar geográfica, social e economicamente o personagem; e o papel particular de representar os sentimentos vividos pelo protagonista, sejam estes contrastantes ou não - topofílicos ou topofóbicos, heterólogos ou homólogos, segundo o contexto em que se desenvolve a relação personagem e espaço.

### **Referências**

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BORGES FILHO, Oziris. *Espaço e literatura: introdução à topoanálise*. Franca, São Paulo, Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.

BORGES FILHO, Oziris. *Espaço e literatura: introdução à toponímia*. 2008. Disponível em: [https://abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/067/OZIRIS\\_FILHO.pdf](https://abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/067/OZIRIS_FILHO.pdf)

CÂMARA MUNICIPAL DE VEREADORES DE COROATÁ. Disponível em: <https://portal.cmcoroata.ma.gov.br/coroata/>, acessado em 28 de junho de 2022.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000; Publifolha, 2000.

CORRÊA, Viriato. *Cazuza*. 43. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2011.

DIMAS, Antonio. *Espaço e romance*. São Paulo: Ática, 1994.

FERNANDES, José Ricardo Oriá. *O Brasil contado às crianças: Viriato Corrêa e a literatura escolar para o ensino de história (1934-1961)*. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo (USP), 2009.

GANCHÓ, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Ática, 1991.

LIMA, Solange Terezinha de. *Geografia e Literatura*. 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/14190>, acessado em 28 de junho de 2022.

PENTEADO, Ana Elisa de Arruda. *Literatura infantil, história e educação: um estudo da obra Cazuza, de Viriato Corrêa*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2001

SANTANA, Jucey. Itapecuru, Itapicuru ou Itapecuru. In: *Blog da Jucey Santana*. <http://juceysantana.blogspot.com/2016/06/itapucuru-itapicuru-ou-itapecuru.html>, acessado em 29 de junho de 2022.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

Recebido em 14/02/2023

Aprovado em 03/05/2023